
Crónica de onomástica paleo-hispânica (4)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O Uma vez mais, a onomástica ibérica continua a merecer da nossa parte uma atenção especial. Os comentários que se seguem resultam de divergências, infelizmente nem sempre de ordem linguística, em relação às abordagens, mais ou menos aprofundadas, de que a onomástica em presença foi alvo sobretudo nos últimos dois anos. Aproveitámos esta ocasião para corrigir determinadas interpretações que defendemos em trabalhos anteriores.

A B S T R A C T Once again, Iberian onomastics continue to merit special attention. The commentaries that follow in this article are the result of divergences, unfortunately not always on linguistic grounds, in the various studies of place and personal names published mainly in the last two years. We take advantage of this opportunity to correct some interpretations that we defended in earlier works.

abuloraun. Mosaico. Andelo (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991-1992, p. 365-357; MLH IV K.28.1.

Depois de Rodríguez Ramos (1999-2000 [2001], p. 356) ter traduzido este NP ibérico para “el ‘launi’ de Abulo”, não nos espanta que o mesmo autor tenha asseverado que “[l]a forma AUN no se encuentra nunca así en íbero, puesto que sólo se conoce **auñ** y la alternancia r/n no sólo no se documenta en éste caso, sino que suele limitarse a **r**, no a **ñ**, así como no se conoce ningún caso en que se use como segundo formante de compuesto” (Rodríguez, 2001, p. 71). A primeira asserção é contrariada pela existência quer de **abuloraun**, quer de **auntigi** (Faria, 2000a, p. 123). Quanto à segunda afirmação, esta é desmentida pela observação dos pares onomásticos **bir/bin**, **bon/bor**, **galdun/galdur**, **icon/icor**, **tigen/tiger** e **ústán/uústár** (Quintanilla, 1998, p. 204-206). A única afirmação que mantém integralmente a sua validade é a que respeita à inexistência de **aun** como segundo segmento onomástico (apenas em NNP), já que, em **abuloraun**, o mesmo surge na terceira posição.

agírtigi. Placa de chumbo. El Tossal de La Balaguera (La Pobla Tornesa, Castelló). Allepuz, 2001, p. 179 e Fig. 85:6.

É nossa convicção que em **JTungiagírtigi** deve isolar-se o NP ibérico **agírtigi**. Além da nossa, aquela sequência já mereceu mais duas transliterações, que teremos de considerar inadequadas: **Jtunkiakiatiki**: (Allepuz, 2001, p. 179) e **Jtunkirkiatiki** (Velaza, 2001, p. 642).

aués. Placa de xisto. Empúries (L'Escala, Girona). Aquilué e Velaza, 2001, p. 284.

Subscrevemos sem grandes reservas a análise dos etnónimos ibéricos levada a cabo há alguns anos por Pérez Orozco (1993, p. 225), cujo acerto é agora corroborado pelo conhecimento de um indivíduo, presumivelmente chamado **lacereces** (v. *infra*), apresentado como **aué-s** (= *ausetanus*), originário, pois, de **aué* (Faria, 2002, p. 129). É pena que o citado artigo de Pérez não tenha chegado ao conhecimento de Aquilué e Velaza. Além dos testemunhos fornecidos pelas moedas — **belsecuai** (CNH 42:41A; Faria, 2001, p. 99), **ces[e]cu** (García Garrido e Montañés, 1989, p. 48-49; Faria, 2001, p. 99), **iCales** (CNH 324:3), **ildirges** (CNH 201:8, 12, 13), **sedeis** (CNH 219: 5-6, 11, 12) e **sesafs** (CNH 209:1-9) —, este é o terceiro etnónimo que conhecemos documentado no singular em textos ibéricos, a juntar a **usecerdecu** (K.5.3 = E.7.1) e a **bilbiliars** (K.28.1), terminando este último com o mesmo formante étnico identificado por Pérez Orozco (1993, p. 225; v. igualmente De Hoz, 2001a, p. 357, n. 67). Não obstante, segundo Aquilué e Velaza (2001, p. 284), “[l]a mención de *origo* em textos ibéricos no estaba, hasta el momento, atestiguada con seguridad...”. Importa, no entanto, ter em mente que a proposta formulada por Santiago Pérez enferma pelo menos de uma fragilidade: nenhuma justificação é fornecida para a presença simultânea do sufixo de “locativo” *-n-* e do formante étnico *-s-* em **iCalensCen** (CNH 326:11-26), etnónimo que remete para os *Ἰγλητες*, mencionados por Estrabão (*Geogr.* 3.4.19) (Faria, 1991a, p. 15).

BILOSOTON. Urna de calcáreo. La Carada (Espeluy, Jaén). González, 1998, p. 109-110.

Se o primeiro componente deste NP ibérico é um dos mais comuns, já o mesmo não sucede com OTON, que, desprovido da nasal final, figura no origónimo **otobeśCen** (Faria, 1995a, p. 327, 328) e nos NNP **otoildir** (F.21.1) e **otoCeildir** (F.21.1), ausentes do repertório antropónimo coligido por Untermann (*MLH* III 1, p. 209-238). Não são raros os elementos onomásticos ibéricos aparentemente terminados em nasal que figuram sem a mesma na primeira posição de compostos nominais e precedendo oclusiva. Encontram-se nestas circunstâncias **adin**, **aiun**, **atan**, **bodon*, **eton*, **ildun**, **suban**, **tartin** e **unin** respectivamente em **adibur** (Faria, 1990-1991, p. 75, 83), **aiubas** (CNH 308:31-32) (ou tratar-se-á de **aidubas**?), **atabels** (CNH 147:46-47), **bodotás** (F.9.5, .6, .7), **etogiśa** (CNH 51:96-100), **ildutaś** (F.14.1), **subaCe** (Faria, 2002, p. 137), **tarti-celeś** (Faria, 1997, p. 110) e **unibeice** (F.9.5) (Quintanilla, 1998, p. 200-201). A propósito do citado **subaCe**, Rodríguez (2002b, p. 127) declarou o seguinte: “[p]eor es la situación para el caso de **subake**, en el que no hay ningún elemento conocido como formante de onomástico, por lo que proponerlo como tal es una *petitio principii*”. Sucede, porém, que o repertório onomástico ibérico não tem que estar limitado às descobertas de Untermann e Rodríguez Ramos. Assim, se as interessantes reflexões deste último sobre **neitin** (Rodríguez, 2002b, p. 127-128) vierem a ser confirmadas, ganha força a comparação por nós estabelecida (Faria, 2002, p. 137) entre **suba** e **XVBAN** < **suban*, ND atestado numa inscrição votiva de Arvas (Haute Garonne) (Michelena, 1977², p. 288; Gorrochategui, 1984a, p. 353), nada obstando a que possamos estar perante um só teónimo.

BONTAR. Estela funerária. Cazaril-Laspènes (Haute Garonne). Gorrochategui, 1984a, p. 174, n.º 103.

Ao contrário do que julgávamos (Faria, 2002, p. 126), a origem de *Mondarrain* (Ramírez, 1988a, p. 187) não deve ser procurada num homónimo do indivíduo aqui arrolado, mas remete para *Montferrand*, documentado em 1249 sob a seguinte forma: *castrum de Monte Ferrandi* (Morvan, 1999, p. 183).

ISAS. Placa de calcário. *Mirobriga* (Chãos Salgados, Santiago do Cacém, Setúbal). *IRCP* 144.

Não restam quaisquer dúvidas de que o presente nome é de origem grega (Lozano, 1998, p. 122), o mesmo acontecendo com *ISASVS*, derivado daquele (Faria, 2000a, p. 135, 2002, p. 132). Reforça esta atribuição linguística o facto de *CHILO*, patronímico do único *ISASVS* até hoje conhecido, ser também ele de ascendência grega (Lozano, 1998, p. 55-56; *contra*, Le Bohec, 1990, p. 32). Na base de dados antroponímicos correspondentes aos quatro volumes do *Lexicon of Greek Personal Names* publicados até agora (<http://www.lgpn.ox.ac.uk/data.html>), deparámos com aquele NP por 34 vezes, ainda que sob grafias distintas: Χείλων (15) e Χίλων (19). García-Bellido (2001, p. 61-62 e n. 34), na esteira de Le Bohec (1990, p. 32), prefere atribuir *ISAS* e *ISASVS*, nome este pertencente a um membro de uma *cohors Lusitan(a, -orum?)* (Faria, 2000a, p. 135), à onomástica indígena da Lusitânia, acrescentando ainda, ao ter em consideração a epígrafe de *Mirobriga*, que “precisamente del convento de Beja [sic] proceden varias de las inscripciones de soldados de cohortes lusitanas: Roldán, *supra* n.º 391a, 391b y 392”. No entanto, esta afirmação está longe de corresponder à verdade, já que, das três inscrições citadas, recolhidas no catálogo de Roldán (1974), duas procedem de Idanha-a-Velha, e a terceira, de Porto de Mós.

laceitoí. Vaso cerâmico. El Castellido (Alloza, Teruel). *MLH* III 2 E.4.6.

eboitoí (Solier e Barbouteau, 1988, p. 84), **edeitoí** (F.20.2) e **golbeitoí** (Solier e Barbouteau, 1988, p. 84) perfilam-se como os melhores paralelos para **itoí**, o segundo componente do presente NP, que escapou ao repertório elaborado por Untermann (*MLH* III 1, p. 207-238). O formante inicial de **laceitoí** só se reproduz fielmente no etnónimo *Lacetani* (Tovar, 1989, p. 35-37), não podendo de modo algum ser esquecidos todos os NNP que integram o elemento **lacer** (*MLH* III 1, p. 227-228) (Panosa, 1996, p. 233). Nada aponta para que *Lacetani* se relacione com **lacu** (*contra*, Untermann, 1992, p. 31); em boa verdade, se **lacu** estivesse na base de algum etnónimo, este não seria muito diferente de **Lacutani*.

laceíreces. Placa de xisto. Empúries (L'Escala, Girona). Velaza, 2001, p. 655-656.

Além da interpretação que conferimos a este NP, caso este se apresente completo, há outras que podem ser avançadas com base no pressuposto de faltar o início do mesmo. Assim, são admissíveis, entre outras, as seguintes restituições: **[be]laceíreces** e **[ba]śaceíreces**. Já Aquilué e Velaza (2001, p. 281) tinham entrevisto a possibilidade, que não vieram a explorar, de ser **[ś]** o grafema mutilado. É claro que qualquer destas restituições, a confirmar-se, configuraria um NP trimembre, hipótese que não pode, de modo nenhum, ser descartada. Contudo, ainda que aceitando estarmos perante um NP completo, não seria de todo descartável, dada a ocorrência na antroponímia ibérica dos componentes **Cere** (*MLH* III 1, p. 226) e **aCere** (*CNH* 432:1), a seguinte segmentação: **laceíre-ces**. Deste modo, além de a relação que estabelecemos entre o segundo elemento deste NP e a raiz do NL **cese** (Faria, 2002, p. 132) ganhar maior legitimidade, ficaria em aberto a possibilidade de **lacereiaírtur** (C.1.5) se decompor em **lacere-iaí-tur**.

laiesCen. Moedas. **laies?*. *CNH* 191:1-11.

Tendo a existência de uma base onomástica ibérica **lais*ido implicitamente posta em causa pela nova leitura dada por Rodríguez Ramos (2002a, p. 208) ao NP gravado numa escultura de Cerro de los Santos (G.14.2) — em vez de **[ba]stulaiadin** (Faria, 1995a, p. 327) há que ler **salaiadin** —, valerá a pena contar com a possibilidade de o NL subjacente a **laiesCen** ser **Laies*, analisável em **la-ieś**, a confrontar com **ieś-o** (*CNH* 199:1-4). Assim, não nos repugnaria contemplar a hipótese de que o NL a partir do qual derivou o etnónimo *Laetani* (*TIR* K/J-31, p. 97) tenha sofrido algum tipo de adaptação à morfologia latina, fenómeno que julgamos ter identificado noutros NNL, mesmo na fase da ocupação romana em que estes ainda eram transmitidos em escrita indígena (Faria, 2000a, p. 133). Esta opinião parece ser partilhada por Silgo Gauche (1994, p. 195), que, no entanto, inexplicavelmente, optou por remeter para **Laies* a origem de **laiesCen**.

Outro caminho que não pode ser excluído, a despeito dos diversos escolhos que comporta, consiste em procurar a origem daquele etnónimo em **Laier* (> **laieśCen* > **laiesCen**), formação toponímica susceptível de ser relacionada com os misteriosos **Λαρτολαιηταί*/**Λαρτολαιητες*, exclusivamente mencionados por Estrabão (*Geogr.* 3.4.8) (Tovar, 1989, p. 37; *TIR* K/J-31, p. 97).

wlbebiur. Estelas. Badalona. Comas, Padrós e Velaza, 2001, p. 295-296.

À análise comparativa realizada pelos autores faltou invocar o testemunho de **wlbeieŕ** (C.3.2) (Rodríguez, 2000, p. 27; Faria, 2001, p. 101).

ocobilos. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH* III 2 H.1.1.

Nada de novo podemos dizer a respeito deste NP. Cabe-nos tão-somente chamar a atenção para a eventualidade de o mesmo ser cotejado com *Ocobius*, NP consignado num documento datado de 920, procedente do Tombo de Samos (Boullón, 1999, p. 335). Tratar-se-á de mera coincidência?

ORDVMELES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

No segundo artigo desta série (Faria, 2001, p. 102), defendemos a aproximação semântica entre o componente com que se inicia ORDVMELES < **ordun-beleś* < **ordin-beleś* e *urdin* < *ordin*, NP abundantemente documentado em basco medieval. À luz do que hoje se conhece sobre as estreitas relações entre a onomástica ibérica e a paleobasca, seria altamente improvável que não houvesse qualquer parentesco entre ambos os termos.

Mesmo que *urdin* < *ordin* pertença ao léxico cromático (Michelena, 1970/1987, p. 285; Trask, 1997, p. 268; Orpustan, 1999, p. 55, 195), não pode, todavia, excluir-se uma relação do mesmo com *ordots* ‘varrasco’ e *urde* ‘porco’. O que, desde logo, se deve rejeitar é a identificação de uma base *ord-/urd-* em qualquer dos vocábulos citados (*contra*, Gorrochategui e Lakarra, 1996, p. 121; Orpustan, 1997³, p. 20, 36, 59, 99, 135, 1999, p. 146, 254, 271, 346), já que, assentando a raiz paleobasca no esquema CVC (Lakarra, 1995, *passim*), *ordin/urdin* e *ordots* devem subdividir-se em *or-din/ur-din* e *or-dots*, respectivamente (Gorrochategui e Lakarra, 1996, p. 122, 128, 2001, p. 411; Lakarra, 2002, p. 425). O segundo componente do zoónimo *ordots*, que parece corresponder ao lexema *dots* ‘macho’ (Gorrochategui e Lakarra, 2001, p. 431; Lakarra, 2002, p. 425), amiúde confundido com *-otz/-ots* (Michelena, 1954/1985, p. 414-415; Gorrochategui, 1984a, p. 139, 304, 368, 1985a, p. 623, 1987a, p. 956; Gorrochategui e Lakarra, 1996, p. 122), ocorre em vários NNP e NND paleobascos (Faria, 2002, p. 138). A menos que estejamos perante exemplos do supracitado sufixo toponímico *-otz/-ots* (Belasko, 1999², p. 472), provável evolução do genitivo de NNP de tema em *-o* (Caro, 1945, p. 110-112; Ramírez, 1987, p. 565, 571; Irigoyen, 1990, p. 65-70; Iglesias, 2002, p. 131-132) — *scil.*, Anardos < **Anardois* < **Anardones* < **Anardonis* (gen.) < **Anardo*

(Faria, 2002, p. 126) —, há que encarar a hipótese de que seja *dots* < *tos(s)* < *torís* o elemento onomástico com que terminam alguns dos seguintes NNL bascos recolhidos em fontes medievais: *Almandotz*, *Bardos*, *Berindos*, *Bildos*, *Cildotz*, *Mandotz* e *Urdo*s. Esta possibilidade já havia sido por nós admitida com relação a *Apardosse* (Faria, 2002, p. 138).

Tal como o primeiro componente de ORDVMELES, também os exemplos de *ordun* que constituem nomes simples em basco medieval (Silgo, 1994, p. 217-218) devem ter origem em *ordin* (*contra*, Silgo, 1994, p. 217-218). Muito embora Untermann o tenha ignorado (*MLH* III 1, p. 229), ORDV[N]ETSI (dat.), *cognomen* pertencente a um veterano da legião II Augusta, atestado numa lápide funerária integrada numa parede exterior da igreja paroquial de Muez (Navarra) (Gorrochategui, 1984a, p. 249, n.º 275, 1995a, p. 225, Foto 3; *HEp* 3, 1993, 267), ostenta igualmente o formante ORDVN, óbvia latinização de **ordin** (Faria, 2001, p. 102, com bibliografia anterior). Mais complexa é, quanto a nós, a identificação da segunda parte de **Ordunetsis*, que Carmen Castillo (1992, p. 122) considerou ser, sem invocar quaisquer argumentos, um etnónimo (= **Ordunensis*). Na verdade, a sibilante africada, representada aqui e em mais cinco casos, todos eles NND — ERDITSE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 320-321, n.º 489), HERAVSCORRITSEHE (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 330-331, n.º 542), ITSACVRRINE (dat.) (Jimeno, Tobalina e Velaza, 1998, p. 292-293) e STELAITSE (dat.) (duas vezes) (Gorrochategui, 1984a, p. 349, n.ºs 605-606; Velaza, 1992, p. 367-369) —, pelo dígrafo TS (Gorrochategui, 1984a, p. 377, 1984b, p. 264, 1987b, p. 442, 1993, p. 617, 1994, p. 124, 1995c, p. 56; Jimeno, Tobalina e Velaza, 1998, p. 292-293), é reproduzida em escrita epicórica por [š] (Silgo, 2000, p. 518). Uma tal correspondência coloca sérios entraves ao parecer subscrito por Gorrochategui (1984a, p. 249, n.º 275, 1985b, p. 591, 1987b, p. 442, 1993, p. 624, 1994, p. 124, 1995a, p. 224), que sustenta ser o elemento antroponímico ibérico **nes** a encerrar o NP **Ordunetsis*. Esta é a razão que nos induz a procurar a origem de **Ordunetsis* em **ordineś* (**ordin-és*), nada havendo que justifique, por um lado, a inclusão deste NP na onomástica aquitana (*contra*, Untermann, 1998, p. 83), nem, por outro, que dele faça parte o fantasmagórico **neś* (Faria, 2002, p. 133).

De igual modo, é preferível ver em ARRANES (TSall) a segmentação de **aran-és*, em detrimento de **aran-(n)es* (*contra*, Faria, 1995b, p. 80). Dada a existência dos NNP ARANCISIS e **aranco** (Faria, 1995b, p. 79-80), é ainda menos provável que ARRANES derive **ara-nes* (*contra*, Gorrochategui, 1984a, p. 249, n.º 275; *MLH* III 1, p. 229). Recorde-se que *és* surge como morfema no NL **eśo**, segmentável em **eś-o** (Faria, 2002, p. 129).

Se *urđin* é o resultado da alteração metafónica de *ordin*, não é fácil admitir que *urđin* ‘azul’ inclua o lexema *ur* ‘água’ (*contra*, Michelena, 1970/1987, p. 285; Gorrochategui e Lakarra, 1996, p. 128, 2001, p. 411; Trask, 1997, p. 268), a menos que a origem deste estivesse num improvável *or*. Além do mais, a forma esperável seria **udín*, com perda de vibrante em composição, tal como se observa, *e.g.*, em *ubide* < *ur + bide* e em *uhalde* ~ *ugalde* < *ur + alde* (Trask, 1997, p. 190). Em contrapartida, custa-nos admitir que *ibai* ‘rio’, forma abonada apenas a partir do século XV (Orpustan, 2000, p. 109), proceda de **urbani*, tal como propõe Lakarra (2002, p. 419), uma vez que as provas da ocorrência de *bai* ‘rio’ remontam ao período romano, se não forem anteriores a este (Nieto, 1997, p. 82; Faria, 2000a, p. 132, 2002, p. 124, 125-126, 127).

■]RESVNIN. Placa de mármore. Sagunto (Valência). *CIL*² 14 (1) 438.

Se, há alguns anos (Faria, 1995a, p. 329), seguíamos genericamente a restituição sugerida por Luis Silgo (1988, p. 765, 1994, p. 252) para o NP em causa — [V]RESVNIN —, hoje não podemos deixar de colocar a hipótese de]RESVNIN estar por [CA?]RESVNIN ou por [GA?]RESVNIN, dada a existência do segmento onomástico ibérico **Cares** (Faria, 1997, p. 107).

Sendo [V?]RESVNIN/[CA?]RESVNIN/[GA?]RESVNIN o *cognomen* de um tal CORNELIVS (Faria, 2000a, p. 141, com bibliografia anterior), não compreendemos como é possível que Jesús Rodríguez (2001, p. 72) insista em afirmar que **unin** corresponde exclusivamente a indivíduos do sexo feminino.

Jrtabir. Placa de xisto. Empúries (L'Escala, Girona). Aquilué e Velaza, 2001, p. 282.

A reconstituição deste hipotético NP — **certabir** —, sugerida por Aquilué e Velaza, não pode merecer a nossa concordância, tendo em conta o pouco que resta do signo truncado (Aquilué e Velaza, 2001, p. 280, Fig. 2). Admitimos apenas duas leituras para este lexema: **Jurtabir** ou **Jartabir**. Não é certo que este possível NP termine com o elemento **bir**, havendo igualmente que encarar a ideia, decerto mais remota, de ser **tabir** o último elemento do composto, a cotejar com a segunda parte do NL **saitabi**, caso **sai-tabir** constitua a segmentação adequada. Importa ter em atenção que **saitir** é uma das legendas toponímicas gravadas nos numismas de **saitabi** (CNH 315:7-10), facto que nos leva a propor, com as devidas ressalvas, a seguinte evolução toponímica, orientada no sentido da respectiva latinização: **sait(ab)ir* > **saitabi** > SAETABI > SAETABIS.

Em todo o caso, se for **bir** o elemento onomástico aqui presente, este parece repetir-se apenas em **tibesbir** (C.2.22) (Faria, 2000a, p. 140), porquanto, em Orleyl (F.9.2), cremos agora preferível ler **biulabo** onde Aquilué e Velaza (2001, p. 282), com o beneplácito de Untermann (MLH III 1, p. 219) e Quintanilla (1998, p. 123), leram **birlaco**. De momento, não podemos pôr inteiramente de parte que o elemento onomástico **bir**, a ter existido, ocorra, com (a) outra vibrante, em **jbir** (C.4.1), **gol-bir** (C.4.1) (Faria, 1994a, p. 67, 70) e **aiun-icar-bir** (G.14.1) (Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 122). Cabe, todavia, a possibilidade de, no caso de ser esta a transliteração correcta (*contra*, Rodríguez, 2002a, p. 209), **aiunicarbir** dividir-se em **aiun-iC(e)-arbir** (G.14.1) (Faria, 1994a, p. 65, 66).

Mesmo que Rodríguez Ramos venha um dia a demonstrar que **aiunicarbir** deve ler-se **aiunigaldur** (ainda não o demonstrou), por mais que tente, jamais poderá transformar **salbi-** (Faria, 1990-1991, p. 77, 1994a, p. 68, 2000a, p. 138) em **saldu-** (Rodríguez, 2002a, p. 206-208), componente nominal por ele assimilado a **saldu-** (v. igualmente Rodríguez Ramos, 2002b, p. 125, n. 20), como se a rigorosa distinção de sibilantes não passasse de um mero capricho dos escribas ibéricos. O expediente, reconhecidamente engenhoso, a que Jesús Rodríguez (2002a, p. 207) recorre com vista a ler **saldu-** onde está **salbi-** consiste em excluir a sequência -VlBV- da fonotáctica ibérica, sendo invocada neste sentido a circunstância de aquela estar ausente de pouco menos de uma dezena de textos ibéricos, seleccionados com base na sua extensão. Como é possível, todavia, marginalizar os testemunhos fornecidos por Αστολπαζ < **ástolbas* (Faria, 1990-1991, p. 83), **golbeitor** (Solier e Barboueau, 1988, p. 91), **golbir** (C.4.1) (Faria, 1994a, p. 67, 70), SALPA (abl.) < **salbas*/**salbas* (Faria, 1994a, p. 70, 1994c, p. 53, n.º 328, 1995a, p. 328, 2000a, p. 138, 2000b, p. 64) e **bilbiliars** (K.28.1)? Será que estamos perante “anomalias (o “faltas”) ortográficas” (Rodríguez, 2002a, p. 207)?

salduie. Moedas. **salduie** (Saragossa). CNH 228:1-4).

Há um par de anos, lançámos a hipótese de **salduie**, NL cujo segundo componente não tem paralelo na onomástica ibérica, poder estar por **saldu-bi*, formação à qual teria sido aposto o sufixo toponímico ibérico -e (Faria, 2000a, p. 138). Muito embora não estejamos habilitados a enjeitar semelhante hipótese, hoje admitimos, em alternativa, que **salduie** configure a redução/simplificação de **saldu-ier*, sendo comparável ao segundo componente do NP **wlbe-ier** (C.3.2). Tão-pouco estaremos dispostos a descartar a eventualidade de que **salduie** esteja por **salduies*.

[ś]alaitibaś. Moeda. Ceca desconhecida. *CNH* 50:87.

Jesús Rodríguez Ramos não tem tido qualquer pejo em amalgamar ideias próprias com outras que não lhe pertencem (*e.g.*, Faria, 2002, p. 130), induzindo em erro os leitores menos prevenidos. Eis outro exemplo deste descuidado procedimento (Rodríguez, 2002a, p. 208, n. 7): “[e]l formante **śalai** fue claramente identificado en un plomo de origen desconocido (Untermann 1993 **śalaiarkis**). Se encuentra también en F.17.6 **is-śaletar** y probablemente en la dracma *CNH*: 35/71 [sic] (**J**)**alaitibaś**”. Salta aqui à vista a omissão de uma passagem pertencente a um trabalho nosso (Faria, 1995a, p. 328), no qual são expressamente identificados os dois componentes da legenda monetária em causa. Também Javier Velaza (2001, p. 646) não tratou esta questão da melhor maneira, ao afiançar que **śalai** só se encontra consignado no NP **śalaiargis**.

Não deixa de ser surpreendente que Rodríguez (2002b, p. 120, n. 9) confira à inscrição inicialmente publicada por Untermann (1991-1993) uma “teóricamente dudosa autenticidad”.

śaliboś. Placa de chumbo. Caudete de las Fuentes (Los Villares, Valência). *MLH* III 2 F.17.1.

Este NP ibérico divide-se naturalmente em **śali-boś**. **boś** documenta-se em **ganikboś** (G.13.1) (Faria, 1994a, p. 65, 1999, p. 155, 2000a, p. 140) e em **bosberiun** (C.2.3) (Faria, 2002, p. 125), ao passo que **śali**, além de figurar em **śaliunibaś** (F.20.3), consta de quatro NNP que chegaram até nós em escrita latina: SALINIS, SALISIVS, SALIXI (gen.) e XALINIS (Gorrochategui, 1995a, p. 214). SALINIS e XALINIS deverão provavelmente proceder de *śalines, ao passo que deve ter sido *śalisu/*śaliśu a estar na origem quer de SALISIVS quer de SALIXI (gen.).

SIBITTA. Placa de mármore. *Regina* (Casas de Reina, Badajoz). *HEp* 7, 1997, 67.

No comentário assinado por Joaquín Gómez-Pantoja (*ad HEp* 7, 1997, 67), nada transparece das observações que dedicámos ao presente NP (Faria, 1999, p. 156). Gómez-Pantoja reconheceu em SIBITTA “una fuerte raigambre céltica”, mas entendeu que não valia a pena fundamentar uma tal asserção.

Seja como for, a relação de SIBITTA com o componente inicial de **śibibolai**, NP gravado numa emissão monetária de *Obulco* (Faria, 1990-1991, p. 74, 1991a, p. 17, 1991b, p. 191-192, 1992, p. 44, 1993a, p. 152-155, 1994c, p. 53, n.º 344, 1995b, p. 85, 1996, p. 172, 1999, p. 156), continua a ser, quanto a nós, inquestionável.

Enquanto Correa (2001, p. 312 e n. 44) dava testemunho de uma fé inabalável na transliteração que Untermann (*MLH* III 1, p. 231, 1996, p. 130, 1997, p. 139, *MLH* IV, p. 591) conferiu a este último NP, Rodríguez Ramos (2002a, p. 204), imbuído de um sempre louvável espírito crítico, declarava que “entre **śitu/śibi** no hay motivos claros para dirimir”, não hesitando, porém, algumas linhas adiante, em optar por **śitubolai** (Rodríguez Ramos, 2002a, p. 205); terá sido por uma questão de eufonia?

TARBANTV. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

A observação de qualquer uma das quatro fotografias do Bronze de Áscoli que foram publicadas nos últimos seis anos (Beltrán, 1996, p. 93, Fig. 77a; Gregori e Mattei, eds., 1999, p. 597, Foto 2228; Beltrán, Martín-Bueno e Pina, 2000, p. 47, Fig. 26; Mattei, 2001, p. 71) foi suficiente para acompanharmos Hugo Schuchardt (*apud CIL* I² 709) na conclusão de que é TARBANTV, e não TABBANTV (*MLH* III 1, p. 197, 233 e nn. 116.1, 116.2; Silgo, 1994, p. 123; Faria, 1995b, p. 81), a leitura do patronímico de um dos dois cavaleiros *Libenses* pertencentes à *turma Salluitana*, privilegiada em 89 a.C. com a cidadania romana por Cn. Pompeio Estrabão *uirtutis caussa*. Além daquelas três, tivemos o ensejo de examinar uma outra fotografia, pertencente ao Deuts-

ches Archäologisches Institut (delegação de Roma) (DAInst. Neg. Rom 602.447), que nos foi facultada graças à amabilidade de Brigitte Ruck, colaboradora do “Epigraphische Datenbank Heidelberg” (<http://www.uni-heidelberg.de/institute/sonst/adw/edh/indexe.html>), projecto dirigido pelo Professor Géza Alföldy. No entanto, se **TARBANTV** figura com grande nitidez em todas as fotografias analisadas, só nesta última e na que foi publicada por Beltrán, Martín-Bueno e Pina (2000, p. 47, Fig. 26) é possível ler, gravados no canto inferior esquerdo do supracitado documento,]**L**ESPAISER e]**V**RSECEL, ambos patronímicos, no lugar de]ESPAISER e de]IRSECEL, respectivamente. **GAVN**, o componente final do terceiro patronímico truncado,]**ELGAVN**, repete-se, pelo menos, em **BASTOGAVNIN** (*CIL II Suppl.* 6144) < **basto-gaun-in* (*MLH III* 1, p. 213, n. 21.2, 215, nn. 28, 28.1) e em **ILLVRGAVONES/ILERGAVONIA** (*TIR K/J-31*, p. 90) < **ildur-gaun*/**ildir-gaun*.

Passando à análise de **TARBANTV**, o elemento **tarban** encontra-se atestado em **osoftarban** (E.13.1), **tarbanicor** (F.2.2) e, com outro signo de vibrante, em **tautintaŕban** (F.20.3), NP cuja leitura é, todavia, bastante problemática. O sufixo *-tu*, por sua vez, repete-se apenas em **Caŕsuritu** (Faria, 1990-1991, p. 74, 1991a, p. 17, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 1994b, p. 123, 1995a, p. 326, 1995b, p. 81, 1996, p. 158, 2000a, p. 130, 2001, p. 99), NP cuja evidente origem ibérica Correa (2001, p. 312) acha que não está demonstrada. Este sufixo deve ser considerado variante (ou antecedente?) de *-to*, reproduzido em **laurto** (C.2.4). Não sabemos qual das duas formas subjaz a NNP em escrita latina, tais como **NESCATO** (Gorrochategui, 1984a, p. 240-241, n.º 256), sendo certo que é o mesmo sufixo de sentido diminutivo que vamos encontrar na onomástica basca medieval (Gorrochategui, 1984a, p. 241, 1995c, p. 750).

tigirseni. Estela de calcário (Sagunto, Valência). *MLH III* 2 F.11.10.

Na perspectiva de Luis Silgo (1988, p. 765), que aqui secundamos, este NP pode segmentar-se de duas maneiras: **tigir(s)eni**, a única preconizada por Untermann (*MLH III* 1, p. 231, 235; v. igualmente Quintanilla, 1998, p. 151), ou **tigir-seni**, surgindo esta última segmentação caucionada pela ocorrência do NP **tigirildir** (G.12.1) (Faria, 1994a, p. 68). Menos provável é que **tigirseni** possa ser dividido em **tigir(s)-eni** (*contra*, Gorrochategui, 1984a, p. 165), já que **eni** não faz parte de mais nenhum NP (Silgo, 1988, p. 765; Quintanilla, 1998, p. 153). Se **tigir-seni** constituir a análise correcta, poderemos trazer à colação **tigir-sacar** (C.1.2) e **tigir-sur** (Untermann, 1991-1993, p. 99; *contra*, Faria, 1995b, p. 85) como paralelos para **tigir**.

No que diz respeito ao elemento onomástico *seni*, este é reconhecível em **AGIRSENI** (gen.) (*HEp* 3, 1993, 363), **AGIRSENI** (dat.) (Gorrochategui, 1993, p. 146-147), **OANDISSEN**[I] (*HEp* 3, 1993, 359), **SENICCO** (Gorrochategui, 1984a, p. 261-262, n.º 310), **SENIPONNIS** (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 263, n.º 311), **SENITENNIS** (Gorrochategui, 1984a, p. 263-264, n.º 312), **SENIVS** (Gorrochategui, 1984a, p. 264-265, n.ºs 313-315) e **SENIXSONIS** (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 265-266, n.ºs 316-318) (Quintanilla, 1998, p. 154). Não é seguro que o mesmo componente integre **ANDERESENI** (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 129-130, n.ºs 21-22), **ERESENI** (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 205, n.º 180), **NARVN**[SE]NI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 238, n.º 255) e **NEVRESINI** (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 242, n.º 258), já que estes NNP poderão atestar o sufixo *-se*, constante de vários NNP femininos (Gorrochategui, 1987b, p. 442): **BEREXE** (Gorrochategui, 1995a, p. 214), **EDVNXE** (Gorrochategui, 1984a, p. 201, n.º 171), **HAVTENSE** (Gorrochategui, 1984a, p. 222, n.º 218), **ONSE** (Gómez-Pantoja e Alfaro, 2001, p. 181) e **VRIAXE** (Gorrochategui, 1984a, p. 290, n.º 387).

uisebartaś. Placa de chumbo. El Cigarralejo (Mula, Murcia). *MLH* III 2, G.13.1.

Parece-nos perfeitamente pacífica a correspondência entre os primeiros segmentos onomásticos de **uisebartaś** (e não **uisebartas**; Faria, 2000a, p. 140) e de VISERADIN (Abascal, 1994, p. 547). Não nos custa tão-pouco aceitar que *Vessetania*, nome de uma *regio* mencionada por Plínio (*nat.* 3. 24) (Sancho, 1981, p. 41, n. 74, 55), derive igualmente do elemento onomástico **uiser*, nada tendo, por conseguinte, que ver com o NL *Osca* (*contra*, Sancho, 1981, p. 41, n. 74).

urCailbi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:17-25.

Vejam os como Rodríguez Ramos (2002a, p. 204-205) tenta demonstrar que é **urcaildu** a transliteração do NP obulconense que vimos lendo como **urCailbi** (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992, p. 44, 1993a, p. 154-155, 1993b, p. 139, 1994b, p. 123, 1994c, p. 56, n.º 403, 1995a, p. 328, 1995b, p. 85-86, 1996, p. 176, 2000a, p. 140-141): “en lo concerniente a **urkailtu**, éste se reconoce perfectamente como un onomástico bímembre compuesto por **urke** (n.º 140) e **iltur** (n.º 62)”. Como é óbvio, esta afirmação, apesar do tom peremptório que a caracteriza, não prova rigorosamente nada. Rodríguez Ramos sabe muito bem que não pode discutir seriamente o valor fonético a atribuir ao último signo de **urCailbi** sem se pronunciar sobre:

- a) a configuração do penúltimo signo de **neselducu**, identificando este NP, por feliz coincidência, o colega de **urCailbi** na emissão *CNH* 344:17-25;
- b) a existência de **urCail** (*CNH* 342:8)/VRCHAIL (*CIL* II 1087), NP que, além de se encontrar completo, poderá não pertencer à onomástica ibérica (*contra*, De Hoz, 2001b, p. 130, que não fundamenta a sua opinião), caso sejam devidamente ponderados os motivos que enumerámos noutras ocasiões (v., por último, Faria, 2000a, p. 141).

BIBLIOGRAFIA

- AQUILUÉ, X.; VELAZA, J. (2001) - Nueva inscripción ibérica ampuritana. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 277-289.
- BELASKO, M. (1999²) - *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: Apellidos navarros*. 2.ª ed. (1996¹). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN, M. (1996) - *Los Iberos en Aragón*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada de Aragón (Colección “Mariano de Pano y Ruata”; 11).
- BELTRÁN, F.; MARTÍN-BUENO, M.; PINA, F. (2000) - *Roma en la cuenca media del Ebro: la romanización en Aragón*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada de Aragón (Colección “Mariano de Pano y Ruata”; 19).
- BOULLÓN, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer (Patronymica Romanica; 12).
- CARO, J. (1945) - *Materiales para una historia de la lengua vasca en su relación con la latina*. Salamanca: Universidad.
- CASTILLO, C. (1992) - La onomástica en las inscripciones romanas de Navarra. In *Segundo Congreso General de Historia de Navarra, 24-28 Septiembre 1990. 2. Conferencias y comunicaciones sobre Prehistoria, Historia Antigua e Historia Medieval*. Pamplona: Institución “Príncipe de Viana” (Anejo 14 de *Príncipe de Viana*), p. 117-133.
- CIL* I² = LOMMATZSCH, E., ed. (1918) - *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL* II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL* II *Suppl.* = HÜBNER, E. (1892) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL* II²/14 (1) = ALFÖLDY, G [et al.] (1995) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.

- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão a] CURCHIN, Leonard A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - [Recensão a] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1994c) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2002) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- GARCÍA-BELLIDO, M.^a P. (2001) - *Lucus Feroniae Emeritensis*. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 74, p. 53-71.
- GARCÍA GARRIDO, M.; MONTAÑÉS, J. (1989) - Divisores de plata inéditos o poco conocidos de la Hispania antigua. *Acta Numismática*. Barcelona. 19, p. 45-52.
- GÓMEZ-PANTOJA, J.; ALFARO, E. (2001) - Indigenismo y romanización en las tierras altas de Soria. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 169-187.
- GONZÁLEZ, J. (1998) - Varia epigraphica II. *Habis*. Sevilla. 29, p. 105-115.
- GORROCHATEGUI, J. (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1984b) - Acerca de *Helase*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, p. 261-265.
- GORROCHATEGUI, J. (1985a) - Lengua aquitana y lengua gala en la Aquitania etnográfica. In MELENA, J. L., ed. - *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 613-628.
- GORROCHATEGUI, J. (1985b) - Historia de las ideas acerca de los límites geográficos del vasco antiguo. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. Donostia-San Sebastián. 19:2, p. 571-594.
- GORROCHATEGUI, J. (1987a) - Vasco-Celtica. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. Donostia-San Sebastián. 21:3, p. 951-959.
- GORROCHATEGUI, J. (1987b) - Situación lingüística de Navarra y sus aledaños en la antigüedad a partir de fuentes epigráficas. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986) 2. Comunicaciones*. Pamplona: Institución Príncipe de Viana (*Príncipe de Viana*, Anejo 7), p. 435-445.
- GORROCHATEGUI, J. (1993) - Onomástica indígena de Aquitania: adiciones y correcciones I (OIA Add. I). In HEIDERMANNS, F.; RIX, H.; SEEBOLD, E., eds. - *Sprachen und Schriften des antiken Mittelmeerraums. Festschrift für Jürgen Untermann zum 65. Geburtstag*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, p. 145-155.

- GORROCHATÉGUI, J. (1994) - La aportación de la lingüística a la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco. In *Illunzar 94. Problemática de la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco: un enfoque preliminar (Museo Euskal Herria de Gernika, 1993)*. Gernika: Asociación Cultural de Arqueología AGIRI, p. 113-125.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995a) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995b) - The Basque language and its neighbors in Antiquity. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: Johns Benjamins, p. 31-63.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995c) - Basque names. In EICHLER, E. [et al.] - *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 747-756.
- GORROCHATÉGUI, J.; LAKARRA, J. A. (1996) - Nuevas aportaciones a la reconstrucción del Protovasco. In VILLAR, F.; ENCARNAÇÃO, J. d', eds. - *La Hispania Prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 101-145.
- GORROCHATÉGUI, J.; LAKARRA, J. A. (2001) - Comparación lingüística, filología y reconstrucción del Protovasco. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 407-438.
- GREGORI, G. L.; MATTEI, M., eds. (1999) - *Supplementa Italica – Imagines. Supplementi fotografici ai volumi italiani del CIL: Roma (CIL, VI) 1. Musei Capitolini*. Roma: Quasar.
- HEp = Hispania Epigraphica*. Madrid: Universidad Complutense.
- DE HOZ, J. (2001a) - Hacia una tipología del ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 335-362.
- DE HOZ, J. (2001b) - Sobre algunos problemas del estudio de las lenguas paleohispánicas. *Paleohispanica*. Zaragoza. 1, p. 113-149.
- IGLESIAS, H. (2002) - Sur le toponyme *Gasteiz*: origine et signification. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 89, p. 129-138.
- IRCP = ENCARNAÇÃO, J. d' (1984) - Inscrições romanas do conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade.
- IRIGOYEN, A. (1990) - *Sobre toponimia del País Vasco norpirenaico (observaciones en torno a la obra Toponymie basque de Jean-Baptiste Orpustan)*. Bilbao: Wilsen.
- JIMENO, R.; TOBALINA, E.; VELAZA J. (1998) - Una nueva ara romana procedente de Ízcue (Navarra). *Epigraphica*. Faenza. 60, p. 290-294.
- LAKARRA, J. A. (1995) - Reconstructing the Pre-Proto-Basque root. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 189-206.
- LAKARRA, J. A. (2002) - Adar, ahuntz, handi: sobre la identificación de sustratos y morfología de la protolengua. In GARCÍA, M.^a J., ed. - *TIMES ËAPIN: homenaje al profesor Pedro A. Gainzarain*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (Veleia. Anejos. Serie minor; 17), p. 417-429.
- LE BOHEC, Y. (1990) - *La Sardaigne et l'armée romaine sous le Haut-Empire*. Sassari: Carlo Delfino.
- LOZANO, A. (1998) - *Die griechischen Personennamen auf der iberischen Halbinsel*. Heidelberg: Universitäts Verlag C. Winter.
- MATTEI, M. (2001) - Decreto de Cneo Pompeyo Estrabón. In RODÀ, I., ed. - *Tarraco: puerta de Roma. Exposición organizada por la Fundación "La Caixa". Centro Social y Cultural de la Fundación "La Caixa". Tarragona 13 de septiembre de 2001 – 6 de enero de 2002*. Tarragona: Fundación "La Caixa", p. 71.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. (1961¹). San Sebastián-Donostia: Diputación Foral de Gipuzkoa (Anejos del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"; 4).
- MICHELENA, L. (1970/1987) - Nombre y verbo en la etimología vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 2, p. 67-93 [= *Palabras y textos*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, p. 283-309].
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

- MORVAN, M. (1999) - Les noms de montagne du Pays Basque. *Lapurдум*. Bordeaux. 4 [Hommage au Professeur Jean Haritschelhar], p. 167-190.
- NIETO, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- ORPUSTAN, J.-B. (1997³) - *Toponimie basque: Noms de pays, communes, hameaux et quartiers historiques de Labourd, Basse-Navarre et Soule*. 3^e éd. (1990⁴). Bordeaux: Presses Universitaires.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, J.-B. (2000) - De quelques etymologies basco-aquitaines dans de Dictionnaire etymologique des noms de lieux de France d'A. Dauzat et Ch. Rostaing. In GORROTXATEGI, M.; KNÖRR, H., eds. - *Actas de las II Jornadas de Onomástica, Orduña, Septiembre de 1987*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca-Euskaltzaindia (*Onomasticon Vasconiae*; 17), p. 95-110.
- PANOSA, M. I. (1996) - Elementos sobre la fase de bilingüismo y latinización de la población ibérica. In VILLAR, F.; ENCARNACIÓN, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 217-246.
- PÉREZ, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RAMÍREZ, J. L. (1987) - Toponimia vascona y toponimia navarra: su contribución para ponderar los efectos del proceso de aculturación. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 Septiembre 1986)*, 2. *Comunicaciones*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana" (*Príncipe de Viana*. Anejo 7), p. 563-576.
- RODRÍGUEZ, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua iberá. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RODRÍGUEZ, J. (2001) - El término (t)eban(en) en la lingua iberá: 'coeravit' vs. 'filius'. *Arse*. Sagunto. 35, p. 59-85.
- RODRÍGUEZ, J. (2002a) - La inscripción sobre escultura de Cerro de los Santos G.14.1 y los problemas de homomorfía en la escritura iberá meridional. *Habis*. Sevilla. 33, p. 203-211.
- RODRÍGUEZ, J. (2002b) - Acercas de los afijos adnominales de la lengua iberá. *Faventia*. Barcelona. 24:1, p. 115-134.
- ROLDÁN, J. M. (1974) - *Hispania y el ejército romano*. Salamanca: Universidad.
- SANCHO, L. (1981) - *El convento jurídico caesaraugustano*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico".
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 757-767.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 2).
- SILGO, L. (2000) - El problema de las silbantes ibéricas. *Habis*. Sevilla. 31, p. 503-521.
- SOLIER, Y.; BARBOUTEAU, H. (1988) - Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 61-94.
- TIR, K/J-31 = *TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1992) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. In *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], p. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1996) - Onomástica. In BELTRÁN, F.; DE HOZ, J.; UNTERMANN, J., eds. - *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón (Colección Arqueología; 19), p. 109-166.
- UNTERMANN, J. (1997) - El tercer bronce de Botorrita y la antroponimia ibérica. *Arse*. Sagunto. 28-29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], p. 199-215).
- UNTERMANN, J. (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- VELAZA, J. (2001) - Chronica epigraphica Iberica II: Novedades y revisiones de epigrafía ibérica. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 639-662.